



Educação Unisinos

E-ISSN: 2177-6210

revistaeduc@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Brasil

de Campos, Névio  
Lugar da História da Educação na formação do professor/pedagogo  
Educação Unisinos, vol. 15, núm. 2, mayo-agosto, 2011, pp. 95-104  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449644455002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Lugar da História da Educação na formação do professor/pedagogo

### The role of Education History in teacher education

Névio de Campos  
ndoutorado@yahoo.com.br

---

**Resumo:** O presente artigo objetiva discutir o papel da História da Educação na formação do professor/pedagogo, enfatizando o lugar dessa área no campo de pesquisa da Educação, a sua identidade no corpo disciplinar do curso de Pedagogia e delineamentos de alguns elementos para o seu ensino nessa graduação. No plano metodológico, apóia-se na Historiografia e Historiografia da Educação, bem como no Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia (PPCP) e nos Planos de Ensino (PE) das disciplinas de História da Educação e História da Educação Brasileira da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná (UEPG). No plano teórico, dialoga com o conceito de campo de Bourdieu, o que permite indicar algumas características gerais do campo de pesquisa da História da Educação e do seu escopo disciplinar nos cursos de formação do professor/pedagogo no Brasil, bem como algumas tendências do ensino de História da Educação no curso de Pedagogia da UEPG, sem esquecer o processo de constituição dessa área disciplinar e desse campo de pesquisa nos espaços acadêmicos da sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** pedagogia, formação de professor, História da Educação.

**Abstract:** This article discusses the role of Education History in teacher education, stressing the importance of this field in the research on education, highlighting its identity among the disciplines of the School of Pedagogy and outlining some elements of its teaching at the undergraduate level. At the methodological level, it is based on Historiography and Education Historiography as well as the pedagogical project of the Teacher Training Program and the teaching plans of the courses on Education History and History of Brazilian Education at the State University of Ponta Grossa (UEPG). At the theoretical level, it establishes a dialogue with Bourdieu's concept of field, which makes it possible to point out some general characteristics of the research on Education History and the scope of this discipline in teacher training courses in Brazil. It also makes it possible to point out some trends in the teaching of Education History at the School of Pedagogy of the UEPG as well as the process of constitution of this subject and field of research in Brazilian higher education institutions.

**Key words:** pedagogy, teacher training, History of Education.

---

## Introdução

O presente artigo visa a discutir o papel da História da Educação<sup>1</sup> na formação do professor/pedagogo. Tal esforço analítico far-se-á a partir de três aspectos: (i) lugar da História da Educação no campo de pesquisa da área de Educação; (ii) lugar da História da Educação no corpo disciplinar do curso de Pedagogia; (iii) delineamentos de alguns elementos para o ensino de História da Educação no curso de Pedagogia. O primeiro aspecto constituir-se-á em interlocução com a Historiografia e a Historiografia da Educação. O segundo far-se-á a partir da literatura historiográfica e de documentos (Projeto Pedagógico de Pedagogia e Planos de Ensino das disciplinas de História da Educação e História da Educação Brasileira) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG, 2006, 2008a, 2008b). A narrativa do terceiro, que tem caráter propositivo, organizar-se-á à luz de Eric Hobsbawm e Pierre Vilar.

A discussão da primeira problemática tem por objetivo apresentar uma síntese, estabelecendo interlocução com a Historiografia e a Historiografia da Educação. Nesse aspecto, tal contribuição consiste em assinalar uma sistematização da constituição do campo teórico e metodológico da História da Educação. É importante ressaltar que não faremos discussões especificamente da teoria e da metodologia da História da Educação. Entretanto, indicaremos em quais quadros teóricos e metodológicos vem se inserindo essa área do conhecimento. A rigor, discutir-se-á o *status* que a História da Educação assume nas áreas da História e Educação.

A análise do segundo elemento pretende indicar alguns aspectos identitários da História da Educação

no curso de Pedagogia da UEPG. Nesse sentido, tem uma originalidade, pois não há uma investigação do lugar dessa área do saber e de seu escopo disciplinar no curso de Pedagogia da UEPG. A principal contribuição é demonstrar aspectos que indiquem as direções do ensino da História da Educação nessa instituição determinada.

No último momento, o texto discutirá um dos sentidos que a História da Educação poderia assumir no curso de formação do pedagogo/professor. A hipótese proposta apoia-se nas assertivas de Pierre Vilar (tudo pensar historicamente) e de Eric Hobsbawm (resistir à formação de mitos nacionais, étnicos e outros). De modo sintético, é possível afirmar que essa parte pretende demonstrar a fecundidade da História da Educação no processo de formação do pedagogo/professor.

Esta análise não tem a pretensão de encerrar tal discussão. Ao contrário, objetiva provocar outras interpretações. Não obstante tal relatividade, este artigo compõe juntamente com Warde (1990, 1998), Nunes (1996), Saviani (2005), Faria Filho e Rodrigues (2003), Tambara (2006), Stephanou (2006), Bontempi Junior (2007), Monarcha (2007), Gatti Jr. (2008), entre outros, uma tentativa de sistematização das direções que o ensino da História da Educação tem tomado nas instituições de Ensino Superior do Brasil, particularmente nos cursos de formação do pedagogo/professor.

## História da Educação: lugar nos campos da História e da Educação

A História da Educação como campo de pesquisa nasceu na área da Educação. Essa é uma peculiaridade

de sua identidade na tradição acadêmica brasileira. Miriam Warde sustenta que a História da Educação brasileira caracteriza-se por três aspectos desiguais e justapostos:

Um, que a situa entre as muitas fragmentações internas do campo da História; outro, que a coloca no âmbito da História por contraposição às demais ciências sociais e, por fim, o que parece efetivamente estatui-la, insere-a entre as chamadas ciências da educação (Warde, 1990, p. 7).

A tematização fundamental se refere ao lugar da História da Educação entre as Ciências Humanas. Ela é uma das especializações (fragmentações) da História? Se ela pode ser incluída entre as especializações da História, deveria possuir modos de ver (teorias) e modos de fazer (metodologias) próprios tais como a História Política, História Econômica, História Cultural. Tal fragmentação do campo da História é uma característica da historiografia moderna. De acordo com José Barros, “fala-se hoje em muitos tipos de ‘história’, quando na historiografia profissional do início do século XIX os historiadores tinham uma ideia bem mais homogênea do seu ofício” (Barros, 2004, p. 9). Essas especializações, entretanto, não são (não deveriam ser) compreendidas isoladamente, pois “a verdade é que não existem fatos que sejam exclusivamente econômicos, políticos ou culturais. Todas as dimensões da realidade social interagem, ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas” (Barros, 2004, p. 15). Entretanto, “definir o ambiente intradisciplinar em que florescerá a pesquisa ou no qual se consolidará uma atuação historiográfica deve ser encarado como um esforço de auto-

<sup>1</sup> A referência ao campo de pesquisa e disciplinar da História da Educação será grafada com iniciais maiúsculas. Por outro lado, ao indicar o sentido de conteúdo, por exemplo, história da educação medieval, será escrita com iniciais minúsculas. Os mesmos sentidos têm validade para os usos de Educação/educação e História/história.

conhecimento, de definir os pontos de partida mais significativos – e não como uma profissão de fé no isolamento interdisciplinar” (Barros, 2004, p. 17).

No entendimento de Miriam Warde, do ponto de vista lógico, a História da Educação seria uma das especialidades da História. No entanto, historicamente ela se constituiu em abordagem da História. Para a Historiografia da Educação, “a gênese e o desenvolvimento da história da educação estão no campo da educação, do qual ela foi convertida em enfoque, em abordagem” (Warde, 1990, p. 8). Ou seja, “efetivamente, a história da educação não se configura uma especialização temática da história, mas, sim, uma ciência da educação ou uma ciência auxiliar da educação” (Warde, 1990, p. 8).

Que diferença fundamental existe ao incluir a História da Educação entre as especialidades e/ou abordagens da História? Afirmar que a História da Educação não é especialidade da História significa postular a inexistência de um quadro teórico próprio. Desse modo, ela estabelece interlocução com as especialidades da História para produzir suas pesquisas. Por outro lado, ao defini-la como abordagem da História, sustenta-se que ela tem metodologias próprias de pesquisas<sup>2</sup>. Na interpretação de José Barros, “uma dimensão [especialidade] implica em um tipo de enfoque ou em um ‘modo de ver’ (ou em algo que se pretende ver em primeiro plano na observação de uma sociedade historicamente localizada)” (Barros, 2004, p. 20)<sup>3</sup>. Já “uma abordagem

implica em um ‘modo de fazer a história’ a partir dos materiais com os quais deve trabalhar o historiador (determinadas fontes, determinados métodos e determinados campos de observação)” (Barros, 2004, p. 20).

As especialidades clássicas da História são variadas, complexas e problemáticas, pois uma abordagem poderá tornar-se uma especialidade, assim como uma especialidade pode tornar-se uma abordagem. Na avaliação de Barros,

É preciso ter em vista, antes de mais nada, que estas dimensões [especialidades] a serem definidas como “instâncias da realidade social” são em todos os casos construções do historiador, contendo a sua parcela de arbitrariedade e a sua possibilidade de flutuações ao longo do desenvolvimento da história do pensamento historiográfico. A cada período da historiografia, uma dimensão pode como que se desprender da outra, ou então duas dimensões que antes andavam separadas podem voltar a se juntar (Barros, 2004, p. 20-21).

A História da Educação dialoga com tais especialidades da História a fim de produzir análises dos seus domínios que correspondem “a uma escolha mais específica, orientada em relação a determinados sujeitos ou objetos para os quais será dirigida a atenção do historiador (campos temáticos como o da ‘história das mulheres’ ou da ‘história do direito’)” (Barros, 2004, p. 20). A História da Educação aborda seus domínios (intelectuais, ideias pedagógicas, discursos educativos, culturas escolares, profissão docente, currículo, etc.) a partir de determinadas fontes,

determinados métodos e em processo dialógico com as diferentes especialidades da História.

A partir da década de 1980, a Historiografia da Educação se constitui em um diálogo permanente com a História Cultural. Essa nova tendência de escrita da História da Educação traz ao cenário acadêmico novas temáticas, novos problemas, novas fontes, novos métodos<sup>4</sup>. Tal configuração se evidencia nas produções oriundas dos Programas de Pós-Graduação em História, mas particularmente de Programas de Pós-Graduação em Educação (Linhas de Pesquisa em História e Historiografia da Educação). Essas produções ganharam visibilidade nos eventos científicos (principalmente no GT História da Educação da ANPED, nos Congressos Brasileiros de História da Educação, nos Congressos Ibero-Americanos de História da Educação Latino-Americana, nos Congressos Luso-Brasileiros de Educação, nos Seminários Regionais da ANPED) e nos periódicos específicos de História da Educação (*Revista Brasileira de História da Educação*, etc.) e nos da área de Educação (*Revista Brasileira de Educação*, etc.).

Do conjunto desses eventos destacamos os Congressos Brasileiros de História da Educação, organizados pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) que, no período de 2000 a 2008, realizou cinco encontros. A produção acadêmica publicada nesses eventos evidencia o aumento da produção na área de História da Educação. Em 2000, foi realizado o primeiro,

<sup>2</sup> A História da Educação, ao se constituir no campo da Educação, ocupou (no projeto dos renovadores da educação) um papel secundário no processo de formação do pedagogo e do professor, pois foi transformada em disciplina formadora. As áreas que ganharam status de ciências auxiliares da educação foram a Sociologia da Educação, a Psicologia da Educação e a Biologia da Educação. Essa discussão será explorada no item dois deste artigo.

<sup>3</sup> Barros utiliza os termos enfoque e abordagem com sentidos diferentes. Na discussão de Warde, os dois termos têm o mesmo sentido. Para Barros, enfoque está relacionado aos modos de ver (teorias/conceitos) e abordagem está associada aos modos de fazer (métodos).

<sup>4</sup> Os volumes organizados por Jacques Le Goff e Pierre Nora expressam o movimento da Nova História Cultural: “a novidade parece-nos estar ligada a três processos: novos problemas, colocam a causa da história; novas abordagens, enriquecem, subvertem os setores tradicionais da história; novos objetos, enfim, aparecem no campo epistemológico” (Le Goff e Nora, 1995, p. 12).

no qual 231 trabalhos receberam parecer favorável de um conjunto de 284 submetidos. Em 2002, foram aprovados 428 trabalhos. Em 2004, os pareceristas aprovaram 418 propostas. Em 2006, foram aceitas 457 proposições. No quinto congresso (2008), foram aprovados 783 trabalhos (Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, 2002, 2004, 2006, 2008).

Outro aspecto identificado na produção é a aproximação entre História da Educação e História Cultural, cuja percepção já estava presente no balanço, organizado por Libânia N. Xavier, sobre o primeiro congresso: “as tendências verificadas no conjunto dos resumos indicam a crescente consolidação de um campo disciplinar que se desenvolve no interior do campo pedagógico mas que nitidamente inscreve-se no âmbito da chamada história cultural (Xavier, 2000, p. 2). A interlocução da História da Educação com a História Cultural reafirma as tendências observadas na década de 1990, como, por exemplo, ampliação das temáticas, dos períodos históricos, da categoria espacial, com predominância do regional sobre o nacional; definição de recortes temporais à luz da própria temática educacional; renovação das fontes; diálogo interdisciplinar.

Na avaliação de Xavier, é

[p]ossível afirmar que a produção no campo da história da educação, tal como se apresenta nos resumos inscritos neste Congresso, se faz, hoje, com base na problematização das fontes documentais e na contextualização dos processos educativos estudados, buscando construir uma interpretação que articule de forma pertinente os sentidos de vestígios materiais e das representações simbólicas que este contém (Xavier, 2000, p. 7).

Aqueles aspectos apontados no primeiro congresso (2000) são

perceptíveis no quinto congresso (2008), entre os quais destacamos o caráter interdisciplinar da área, a ampla abrangência de temáticas, de períodos e de recortes temporais e espaciais.

### **História da Educação no corpo disciplinar do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa**

O lugar da História da Educação nos cursos de formação de professores e de pedagogos guarda peculiaridades em diferentes contextos. Nesse sentido, antes de dialogar com o Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia e com os Planos de Ensino de História da Educação, faremos uma abordagem sintética da constituição da História da Educação como disciplina escolar e acadêmica.

O movimento da Escola Nova, capitaneado por um conjunto de educadores e cientistas sociais brasileiros, propugnou a constituição da Ciência da Educação. Nesse sentido, algumas ciências passaram a constituir os modelos por excelência para consolidar a especificidade teórica e metodológica de campo investigativo. Em termos precisos, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho explicitaram que a Sociologia e a Psicologia representariam as áreas matriciais da Ciência da Educação. Por sua vez, a História da Educação não teve *status* acadêmico e científico para compor o quadro das ciências auxiliares da educação, figurando apenas como disciplina formativa nas Escolas Normais e na Pedagogia. A História da Educação foi incorporada como disciplina de formação de professores no século XIX, na Europa, e no final da década de 1920 (Escola Normal) e no final da década de 1930 (Pedagogia), no Brasil.

Sobre essa assertiva, Warde sustenta que “quando os renovadores

da educação disseminaram a ideia de que a educação demanda, pelas suas singularidades ‘teóricas’ e ‘práticas’, o concurso de várias ciências, a história não estava aí computada” (Warde, 1990, p. 8). Já na década de 1920, o grupo do movimento pela Escola Nova havia absorvido os elementos principais da ciência moderna de caráter empírico-positivista, cuja expressão se consubstanciava na Sociologia, Psicologia e Biologia. Nesses termos, tais áreas do conhecimento se constituíram nas “ciências matriciais da educação” (Warde, 1990, p. 8). A visão predominante de ciência entre esse grupo consistia em compreender e promover intervenções na área da Educação. Nessa tarefa, a Psicologia foi apropriada como lugar por excelência de intervenção. A partir de 1930, o grupo do movimento pela Escola Nova dirigiu a organização da educação. No entendimento de Marta Carvalho, essa “hegemonia possibilitou-lhes [aos renovadores] não somente fixar orientações doutrinárias no campo da pedagogia como também difundir representações sobre a história educacional brasileira e sobre o seu próprio papel nela” (Carvalho, 2004, p. 392).

Na acepção de Warde, “a história da educação é filha tardia de aportes múltiplos à educação; não é incluída, entre as ciências auxiliares, com o mesmo escopo das matriciais; se não tem nada a oferecer para que o presente seja objeto de controle, a sua utilidade é pensada como de natureza disciplinar” (Warde, 1990, p. 8). A identidade da História da Educação como disciplina e não como campo de investigação deu um caráter secundário ao seu saber. Entretanto, ela compôs o rol de disciplinas de formação de professores. Ao lado da Filosofia da Educação, a História da Educação deveria “responder à necessidade de os futuros professores cogitarem do dever ser educacional, dos valores humanos

mais elevados a serem preservados e despertados pela prática da educação” (Warde, 1990, p. 8). Ou seja, a História da Educação foi incorporada meramente como disciplina formadora dos futuros professores. No entanto, a formação de professores não demandava apenas conhecimentos científicos, mas também saberes morais e históricos.

A partir da década de 1930, os cursos de formação de professor (cursos normais) e de pedagogos (Pedagogia) associaram História da Educação à Filosofia da Educação. De modo recorrente, o mesmo profissional se responsabilizava por essas disciplinas. O modo pelo qual ela foi incluída no quadro disciplinar implicou uma formatação pragmática de seu ensino. Tal afirmação é sustentada por Warde: “primeiro, sofreu a pragmatização moral, porque dela havia de se tirar alguma lição, algum ensinamento doutrinário”. Mais tarde, “em torno das décadas de 50 e 60, quando começaram a surgir, efetivamente, estudos históricos relativos à educação brasileira, a pragmatização já instaurada foi secularizada” (Warde, 1990, p. 9). A rigor, a constituição da História da Educação nos cursos de formação de professor e de pedagogo guardou uma particularidade: caráter meramente disciplinar. Tal característica resultou em “uma marca que lhe é conformadora: a de ter nascido para ser útil e para ter eficácia medida não pelo que é capaz de explicar e interpretar dos processos históricos objetivos da educação, mas pelo que oferece de justificativas para o presente” (Warde, 1990, p. 9).

Em interlocução com essa análise, Marta Carvalho discute as razões que determinaram tal caracterização da História da Educação na área da

Educação. Ou melhor, que fatores explicariam essa identidade da História da Educação? De acordo com Carvalho, a concepção de história incorporada pelo grupo do movimento pela Escola Nova estava vinculada ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), no qual se compreendia história como mestra da vida. Nesse sentido, os conhecimentos históricos deveriam ser compreendidos como elementos fundamentais de constituição da nação e do sentimento de nacionalidade. Na avaliação de Marta Carvalho,

na tradição historiográfica forjada no IHGB conviveram concepções de distinta extração: a antiga concepção ciceroniana da história como mestra da vida, herdada do iluminismo português, católico e conservador, e o projeto romântico de escrever a gênese da nação brasileira, maneira então moderna de conceber a historiografia na Europa do século XIX (Carvalho, 2004, p. 381).

Os autores de manuais de História da Educação para o ensino de professores (Escola Normal) e de pedagogos (Faculdade de Educação) estavam associados ao IHGB, portanto, expressavam a concepção de história como mestra da vida<sup>5</sup>. Nesses termos, o papel dessa disciplina consistia em conformar os corações e as mentes dos professores para plasmar nas almas dos pequenos brasileiros os sentimentos de nacionalidade. Na definição de Carlos E. Vieira e Roberlayne Roballo, a História da Educação cumpriu três papéis: “formação moral e cívica dos professores; formação pedagógica, através do reconhecimento dos acertos e dos erros do passado; e, por fim, produção da memória do grupo de intelectuais que liderava o

projeto de renovação do pensamento e das práticas educacionais” (Vieira e Roballo, 2007, p. 255).

A História da Educação percorreu um caminho inverso da historiografia de ofício. Ou seja, “enquanto, contemporaneamente, a história no Brasil dava passos largos para a construção da ciência da história, a nossa história da educação fazia o caminho inverso” (Warde, 1990, p. 9).

De acordo com Miram Warde, “a história da educação não se apresentou nos currículos dos nossos cursos de formação do magistério (institutos de educação, escolas normais e curso de pedagogia) como disciplina autônoma, mas como irmã siamesa da filosofia da educação” (Warde, 1998, p. 91). Do ponto de vista temporal, “este quadro se manteve, com algumas exceções institucionais, até os anos de 60” (Warde, 1998, p. 91).

Esse quadro começou a ser relativizado a partir da década de 1950 com as pesquisas em História da Educação realizadas pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, coordenadas por Laerte Ramos de Carvalho, bem como com a criação do Centro Nacional de Pesquisa Educacional e dos Centros Regionais. Esses dois espaços visavam, na compreensão de Warde, a “um projeto de construção de uma história da educação brasileira, autônoma, apoiada em levantamentos documentais originais, capaz de recobrir o processo de desenvolvimento do sistema público de ensino” (Warde, 1998, p. 93). Entretanto, guardadas as contribuições dessas iniciativas, Miram Warde considera que tais fenômenos não foram capazes de “dissolver as marcas genéticas da história da educação produzida nos nossos meios educacionais” (Warde, 1998, p. 93).

<sup>5</sup> A obra *Noções de história da educação* de Afrânio Peixoto é exemplar para compreender essa concepção de História da Educação, a qual se constituiu como principal manual utilizado na formação de professores nas escolas normais. Para aprofundar o papel de Afrânio Peixoto, sugerimos consultar o artigo de Vieira e Roballo (2007).

Outro movimento que contribuiu para relativizar a marca disciplinar da História da Educação foi a implantação da Pós-Graduação na década de 1970. Na argumentação de Warde, os limites teóricos e institucionais determinaram a própria identidade disciplinar da História da Educação. Marta Carvalho reafirma essa tese ao sustentar que

[o]s moldes em que se deu o atrelamento originário da disciplina a objetivos institucionais de formação de professores e pedagogos dificultaram, até muito recentemente, a sua constituição como área de investigação historiográfica capaz de se autodelimitar e de definir, a partir de sua própria prática, questões, temas e objetos (Carvalho, 2004, p. 380).

A constituição da História da Educação como campo de pesquisa ganhou contornos significativos a partir da experiência da USP, na década de 1950, e da implantação da Pós-Graduação no Brasil. Entre o final da década de 1980 e início da década de 1990, a História da Educação se aproximou das discussões teóricas e metodológicas da História, particularmente da História Cultural. Tal movimento implicou a multiplicação de pesquisas de natureza histórica, redundando na formação de pesquisadores e professores de História da Educação, contribuindo para a aproximação entre aquilo que é pesquisado (campo acadêmico) e o que é ensinado (campo disciplinar/escolar).

Após essa exposição, passamos a discutir os contornos do ensino da História da Educação na UEPG. Ao lançar um primeiro olhar sobre o lugar da História da Educação no curso de Pedagogia da UEPG, situamos sua inserção no conjunto das áreas do conhecimento. O Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia se constitui em três grupos de dis-

ciplinas: (i) formação básica geral; (ii) formação específica profissional; (iii) diversificação ou aprofundamento. O grupo um (i) é formado pelas áreas do conhecimento de Educação; Ensino; Ensino e Pesquisa; Trabalho de Conclusão de Curso; Prática de Ensino; Prática de Ensino e Gestão Educacional. O grupo dois (ii) é constituído pelas áreas de Educação; Ensino; estágio Curricular Supervisionado; Gestão Educacional. O grupo três (iii) desdobra-se nas áreas de Educação; Ensino; Tecnologia.

A História da Educação está inserida na área da Educação, no grupo de formação básica geral, com Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Educação e Currículo, Política e Organização da Educação Brasileira, Educação de Jovens e Adultos, Pedagogia Inclusiva, Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A segunda observação se dirige à denominação dada à História da Educação. Os nomes reafirmam a denominação comum de História da Educação com desdobramento em duas partes: (i) História da Educação; (ii) História da Educação Brasileira. Essa caracterização expressa a tendência historiográfica de estabelecer os nomes da disciplina a partir de uma possível história geral, história do todo (história universal) e de uma história nacional. Tal indicação reafirma a tradição racionalista e iluminista de buscar uma compreensão universal da história humana e da História da Educação. Ao mesmo tempo, indica a existência de uma História da Educação com caráter nacional<sup>6</sup>.

A terceira observação se refere à organização das ementas de História da Educação e História da Educação Brasileira. A principal característica

é apresentar na ementa os grupos e os próprios eventos históricos com relevância para serem ensinados. Na parte geral, o recorte segue a organização dos manuais: da antiguidade clássica à modernidade. Nesse aspecto, assim está organizada: a educação na antiguidade clássica – Grécia e Roma; A educação medieval – a igreja como novo eixo cultural; a transição para o Renascimento; o projeto sociopolítico e educacional da modernidade – libertação e conformação. Ao tematizar a história moderna da educação, a ementa apresenta também uma delimitação temática, na qual ganham *status* específicos a criança, a família, a escola e o estado.

A organização da ementa de História da Educação Brasileira privilegia, ao modo da anterior, a disposição de grupos ou de eventos históricos da constituição da escola dos jesuítas ao final do século XX. A rigor, assim se constitui: a hegemonia da educação jesuítica no Brasil (1549-1759); a crise do sistema colonial e a Reforma Pombalina; a educação escolar pública e a formação de professores no Império brasileiro; a República e os ideais educacionais da modernidade; os trabalhadores e a educação: socialistas, libertários, comunistas; os pioneiros da Escola Nova e a construção do sistema nacional de ensino no Brasil; o projeto educacional brasileiro no regime militar; a nova República e a (re) democratização educacional dos anos 80; os anos 90 e a construção da escola cidadã; legado educacional do século XX no Brasil: a escola pública, a feminização do magistério, a formação de professores.

Em relação à ementa de História da Educação Brasileira, é possível fazer duas observações: (i) privilegia o recorte educacional a partir da

<sup>6</sup> Sugere-se consultar a obra *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* de Hobsbawm (2002).

história política brasileira, ou seja, educação na Colônia, no Império e na República; (ii) apresenta outros recortes que não a história política, particularmente, recortes temáticos (trabalhadores e educação; formação de professores; feminização do magistério). Essas indicações evidenciam uma dependência muito grande da história política estatal, pois ainda se privilegiam as temáticas educacionais associadas às ações do Estado, de onde emanam as legislações, bem como aos grupos de intelectuais, os quais sintetizam e sistematizam as ideias pedagógicas. Tal tendência acaba por eclipsar a história das culturas escolares, cujos saberes materializam as ações dos educadores, ou melhor, dos sujeitos do processo educativo das diversas instituições de diferentes graus de ensino.

Ao analisar ementas da Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2008), observamos que a História da Educação se organiza a partir de outro modelo: (i) práticas pedagógicas presentes na sociedade; (ii) teorias pedagógicas; (iii) organizações do ensino escolar. No nosso entendimento, tais características visam garantir que o ensino de História da Educação analise as ideias, as legislações (sistema) e a cultura escolar. Esse modelo de ementa é mais aberto, pois não define os conteúdos, mas indica os aspectos que deverão ser abordados. As ementas da UEPG estruturam-se a partir dos próprios conteúdos, ou seja, indicam a temática geral de cada momento histórico. Nesse sentido, organizam-se em uma concepção temporal linear, isto é, dos gregos à contemporaneidade (História da Educação) e dos Jesuítas ao final do século XX (História da Educação Brasileira). Tal sistematização privilegia uma visão panorâmica, orientada por uma linha cronológica do tempo. Além disso, estabelece que o plano de ensino contemple textos que discutam

todos os momentos da educação, ou seja, há uma preocupação em compreender o todo (velha pretensão iluminista da história universal e da história nacional).

As ementas da UEPG apresentam a preocupação em discutir alguns aspectos da Teoria da História e Historiografia. Na ementa geral, define-se: a educação em perspectiva histórica; História da Educação: objeto, método, fontes. Na brasileira, indica: História e Historiografia da Educação. Tais aspectos evidenciam a pretensão de formar professores/pedagogos com capacidade de ler historicamente um texto, isto é, de fazer uma crítica teórica e historiográfica aos textos ou obras estudadas. Em outros termos, indicam a promoção de duas tarefas: (i) compreender a história geral e brasileira da educação; (ii) analisar como são construídas as pesquisas históricas (crítica historiográfica). Desse modo, na UEPG a questão historiográfica se faz presente, diferentemente da análise de Faria Filho e Gomes Rodrigues (2003), que demonstra a ausência de uma discussão específica sobre a questão historiográfica nas ementas e nos objetivos dos programas de História da Educação dos cursos de Pedagogia em Belo Horizonte.

A última observação se refere aos conteúdos e à bibliografia selecionada. O programa de História da Educação contempla conteúdos que extrapolam a delimitação estabelecida na ementa. Na ementa, o recorte inicial está na educação antiga clássica (gregos e romanos). No entanto, no programa há dois itens não contemplados na ementa: (i) origens da educação: educação entre os povos primitivos e transição para as civilizações orientais; (ii) educação na antiguidade oriental: o tradicionalismo pedagógico oriental, educação hinduista, chinesa, hebraica e análise crítica da educação

oriental – o legado educacional. O restante dos conteúdos é estabelecido de forma linear, seguindo o modelo de manuais, pois para cada item são enumerados vários aspectos. Observemos a parte que trata da educação na antiguidade clássica – caracteres do humanismo; análise da cultura grega; educação homérica ou heroica; os modelos atenienses e espartanos; o pensamento educacional grego; os filósofos: Pitágoras, os Sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles. A lista de conteúdos é extensa; torna-se mais emblemática porque deverá ser distribuída em uma carga horária de 68 horas. Outro aspecto é a ausência no programa de ensino das temáticas “criança, família, escola na era moderna”, que estão arroladas na ementa.

O último item do programa da disciplina diz respeito à bibliografia básica e/ou complementar. Na História da Educação, são listadas seis obras, dentre as quais uma trata da educação brasileira no contexto histórico. As obras “história da pedagogia” e “história das ideias pedagógicas” abordam a educação em uma visão panorâmica. No que diz respeito às referências, é possível fazer duas observações: (i) ausência de um número maior de obras; (ii) inexistência de indicação de obras que abordem as temáticas teórico-metodológicas.

No plano de História da Educação Brasileira, o rol de conteúdos é organizado em cinco partes: (i) História da Educação: introdução a uma discussão teórica necessária – o campo do conhecimento da História, o sentido do passado, História e Verdade; (ii) história e educação no Brasil dos séculos XVI-XIX – práticas educacionais coloniais (infância e jesuítas; língua, instrução e práticas de leitura); educação para as elites do século XIX (educação feminina católica; educação masculina protestante); (iii) história e educação no

Brasil republicano – projeto republicano de educação escolar (origem dos grupos escolares no Brasil; Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova; projetos de modernidade e os ideais educacionais; método intuitivo); educação e regime ditatorial de Getúlio Vargas; educação nos anos de chumbo; (iv) Feminização do magistério – feminização da profissão docente; mulheres na educação: vocação ou destino? (v) história e suas possibilidades – a educação do corpo; história intelectual; arquitetura escolar; história da higiene.

A primeira observação se refere à organização do plano de ensino a partir da história política brasileira (Colônia, Império e República). A educação do oitocentos é representada pela presença confessional dos católicos e dos protestantes. Entretanto, não há referência aos debates e às ações de organização da educação pública (Aulas Régias). Na República, dois momentos ganham relevância: governo de Vargas e dos militares (1964-1985). Os renovadores constituem o único grupo que tem destaque no programa de ensino. Tal distribuição é determinada pela própria estrutura da ementa, na qual são indicadas as próprias temáticas/conteúdos.

A segunda observação diz respeito ao avanço que o programa apresenta em relação à ementa, ao incluir as diferentes possibilidades da História da Educação (educação do corpo, história intelectual da educação, arquitetura escolar, higiene e educação). A rigor, esse aspecto indica a interlocução com as produções recentes da História da Educação brasileira, as quais têm ampliado as temáticas, as abordagens e os recortes. Tal organização contempla uma tentativa de compreender a História da Educação em três dimensões gerais: (i) história do pensamento pedagógico/ideias/intelectuais; (ii) história das políticas educacionais;

(iii) história das culturas escolares.

O programa de História da Educação Brasileira contempla um número maior de obras no item bibliografia básica e/ou complementar, totalizando quatorze títulos. Do conjunto merece destaque a presença dos três volumes organizados por Maria Stephanou e Maria Helena Câmara, os quais constituem a aglutinação de vários artigos escritos por pesquisadores e professores de História da Educação. Ainda há indicação de manuais que retratam a educação brasileira de forma linear e atrelada à história política. Também não há nenhuma obra na bibliografia que aborde as temáticas (conteúdos) teórico-metodológicas que estão enumeradas no programa de ensino.

A organização dos programas de ensino da UEPG indica duas tendências: (i) os docentes continuam dialogando com manuais produzidos nas décadas de 1970 e 1980, cuja estrutura já estava presente nos livros de Monroe, Peixoto e Teobaldo produzidos na primeira metade do século XX. Essa dependência é tão forte que a própria distribuição dos conteúdos toma por base os sumários dos manuais; (ii) a aproximação entre as pesquisas acadêmicas e as práticas de ensino de História da Educação tem ocorrido, mas não de maneira contínua. O ensino tem contemplado temáticas recentes das pesquisas, mas tem mantido formas de abordagem condicionadas ao recorte da velha história política.

### **Para que História da Educação na formação do pedagogo/professor?**

Nesta parte, a pretensão é discutir sobre o papel da História da Educação no processo de formação do pedagogo e do professor. Diferentemente das primeiras observações, nas quais a preocupação consistia em compreender os contornos da História da

Educação como área acadêmica e disciplinar (ser), agora o objetivo é promover uma reflexão sobre algumas possibilidades da História da Educação na formação do pedagogo/professor (dever ser), tomando como pano de fundo as próprias ementas das disciplinas da UEPG.

Em primeiro lugar, é necessário afirmar que a educação tem uma história e está na história. Os projetos educativos não nascem do vazio, mas de proposições de diferentes grupos sociais inseridos em circunstâncias temporais específicas. Essa pressuposição é a condição fundamental da História como área do conhecimento e disciplinar. Não obstante, nem sempre a condição histórica ilumina os olhares dos acadêmicos e professores. Ou melhor, há uma forte tendência a naturalizar as ações humanas e, por consequência, a própria educação. Nesses termos, a narrativa desta parte consistirá na argumentação de que caberá à História desnaturalizar as práticas, as legislações e as ideias educacionais. Dito nos termos próximos de Pierre Vilar, cabe à História pensar historicamente os produtos da educação. E, na expressão de Eric Hobsbawm, é tarefa da História desconstruir mitos nacionalistas, étnicos e ideológicos que são produções sociais, mas que nascem com aparências naturais.

A constituição da História da Educação como disciplina escolar ganhou contornos de memória, particularmente ao assumir a identidade de mestra da vida, isto é, foi organizada para dar formação moral e cívica aos professores e para dar lições, visando evitar a repetição de erros no tempo presente. Hobsbawm assevera que “história não é memória ancestral ou tradição coletiva” (Hobsbawm, 2000, p. 19-20). Não deveria ser esse o papel da História da Educação e do historiador. Aquelas atividades reafirmam e legitimam as memórias construídas por diferentes grupos

políticos e intelectuais. A rigor, conforme Hobsbawm, “nossos estudos podem se converter em fábricas de bombas [...]. Temos uma responsabilidade pelos fatos históricos em geral e pela crítica do abuso político-ideológico da história em particular” (Hobsbawm, 2000, p. 17-18). Na avaliação desse historiador, “o abuso ideológico mais comum da história baseia-se antes em anacronismo que em mentiras” (p. 19).

O papel da História da Educação no processo de formação do pedagogo/professor é criar as condições para que a educação seja compreendida dentro de seus contextos. Parafraseando Vilar (1995, p. 178), justifica-se a presença da História da Educação no curso de Pedagogia para tudo ser pensado historicamente. Desse modo, contribuirá para que os professores/pedagogos resistam “[...] à formação de mitos nacionais, étnicos, no momento em que estão sendo formados” (Hobsbawm, 2000, p. 21).

As partes das ementas de História da Educação da UEPG que tratam da Teoria da História e Historiografia podem ser incorporadas nos planos de ensino como elementos introdutórios e fundamentais para iniciar o estudante de Pedagogia no universo simbólico da História. Cremos que tais aspectos poderão nortear o ensino da História da Educação, visando garantir o domínio das linguagens necessárias para efetuar uma leitura histórica da educação. Se associadas aos demais conteúdos da História da Educação, as temáticas da Teoria da História e Historiografia ganham um sentido vivo, interessado, propedêutico. Se isoladas, terão um sentido morto, desinteressado. Nesses termos, as leituras de textos de História da Educação visam compreender a própria educação (ler textos históricos), mas também entender o processo de construção da análise histórica (ler historicamente os textos históricos). É possível afirmar

que tal potencialidade está presente nas ementas da disciplina de História de Educação da UEPG, o que não implica afirmar que de fato assim ocorra a organização do seu ensino.

O programa poderá ser organizado à luz da História e da Historiografia, no qual o estudante (futuro pedagogo/professor) terá elementos para pensar o processo de construção das produções históricas. Assim, ao ler um texto de História da Educação, fará uma crítica epistemológica e ideológica, isto é, que modos de ver (teorias/conceitos), modos de fazer (metodologias) e visões de mundo uma obra determinada promove ou põe em circulação. Dito de outra forma, de que horizonte teórico uma produção é construída (modo de ver a realidade educacional), de que recorte metodológico delimita suas fontes, seus métodos e seus campos de observação, que implicações éticas e políticas resultam desses recortes teóricos e metodológicos?

É recorrente nos encontros de professores do curso de Pedagogia a (re)afirmação do discurso de que é necessário olhar a didática, as políticas, as avaliações, enfim, a educação à luz da História. Se esse é um postulado tacitamente aceito entre parcela significativa do corpo docente do curso de Pedagogia, por que a tendência a naturalizar as ideias, os materiais didáticos e a própria prática pedagógica no universo escolar? Aparentemente, a História ocupa uma centralidade entre as disciplinas de formação de professores, no entanto, a operação orgânica da historicidade parece de difícil efetivação. Na nossa avaliação parece existir uma contradição: faz-se defesa do historicismo, mas não se é historicista. A assertiva de Pierre Vilar contribui para elucidar essa problemática. Para ele, “qualquer pessoa pode dizer-se historiador [...] No entanto, nada é mais difícil e raro do que ser historiador [...]” (Vi-

lar, 1995, p. 146). Acrescentamos à afirmação de Vilar que a dificuldade de ser historiador está em estabelecer o que se entende por contexto, uma vez que a virtude desse profissional é saber evitar o anacronismo. A proposição – ler um texto em seu contexto – sintetiza o papel do historiador, não obstante cria uma série de problemas, particularmente a exigência de se definir o que seria contexto ou contextos.

A competência para ler um texto em seu contexto é a prerrogativa fundamental do historiador. É essa virtude que o historiador/professor de História de Educação deverá desenvolver entre os estudantes de Pedagogia. Tal postulado se aproxima da afirmação de Hobsbawm “a história é a matéria-prima para as ideologias nacionalistas ou étnicas ou fundamentalistas [...]. O passado é um elemento essencial, talvez o elemento essencial nessas ideologias. Se não há nenhum passado satisfatório, sempre é possível inventá-lo” (Hobsbawm, 2000, p. 17). Se a tendência humana é buscar no passado ou inventar um passado (ressignificar) para justificar projetos do presente, ou melhor, criar uma memória, um monumento do passado para salvaguardar interesses de grupos ou de classes, é necessário o olhar do historiador para indicar os usos e os abusos da própria história.

## À guisa de conclusão

Na introdução, indicamos que este artigo visava problematizar o papel da História da Educação na formação do professor/pedagogo, enfatizando o seu lugar no campo de pesquisa da Educação, bem como no corpo disciplinar do curso de Pedagogia da UEPG e a discussão de alguns elementos para o seu ensino nesse curso de graduação.

A discussão da primeira problemática apresentou uma síntese,

estabelecendo interlocução com a Historiografia e Historiografia da Educação sobre o processo de constituição da História de Educação como campo de pesquisa na área da Educação. Tal assertiva consistiu em apresentar a História da Educação como modo (abordagem/ensafio) de analisar a educação, pois ela não constituiu um modo próprio de ver a educação, o que a obriga a buscar no campo da História seus principais conceitos, particularmente na História Cultural, Política e Social.

A análise do segundo elemento indicou alguns aspectos da identidade da História da Educação no curso de Pedagogia da UEPG. Nesse sentido, apresentou uma originalidade, pois não há uma investigação do lugar dessa área do saber e de seu escopo disciplinar até então. A principal contribuição foi evidenciar as direções (temáticas, bibliografias, tendências teóricas e políticas) do ensino da História da Educação nessa instituição a partir das ementas e dos programas das disciplinas de História da Educação e História da Educação Brasileira.

Por fim, o texto discutiu brevemente possíveis sentidos da História da Educação no processo de formação do pedagogo/professor, sob a hipótese de que sua principal contribuição seria tudo pensar historicamente e de resistir à formação de mitos nacionais, étnicos e outros.

## Referências

- BARROS, J.D. 2004. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, Vozes, 224 p.
- BONTEMPI JR, B. 2007. O ensino e a pesquisa em história da educação brasileira na cadeira de filosofia e história da educação (1933-1962). *História da Educação*, 21:79-105.
- CARVALHO, M.M.C. de. 2004. Revisitando a historiografia educacional brasileira. In: M.C. MENEZES (org.), *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas, Mercado de Letras, p. 375-401.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 2000. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, SBHE/UFRJ, 2000. 1 CD-ROM.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 2002. Natal. *Anais...* Natal, SBHE/UFRN, 2002. 1 CD-ROM.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 2004. Curitiba. *Anais...* Curitiba, SBHE/PUC-PR, 2004. 1 CD-ROM.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 2006. Goiânia. *Anais...* Goiânia, SBHE/UCG, 2006. 1 CD-ROM.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 2008. Aracaju. *Anais...* Aracaju, UFS, 2008. 1 CD-ROM.
- FARIA FILHO, L.M. de; RODRIGUES, J.R.G. 2003. A história da educação programada: uma aproximação da história da educação ensinada nos cursos de pedagogia em Belo Horizonte. *Revista Brasileira de História da Educação*, 6:159-176.
- GATTI Jr, D. 2008. A história do ensino de história da educação no Brasil: aspectos teórico-metodológicos de uma pesquisa (1930-2000). *História da Educação*, 12(26):219-246.
- HOBBSAWM, E. 2002. *Nações e nacionalismo desde 1789: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 232 p.
- HOBBSAWM, E. 2000. *Sobre História*. São Paulo, Companhia das Letras, 336 p.
- LE GOFF, J.; NORA, P. (orgs.). 1995. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 195 p.
- MONARCHA, C. 2007. História da educação (brasileira): formação do campo, tendências e vertentes investigativas. *História da Educação*, 21:51-77.
- NUNES, C. 1996. Ensino e historiografia da educação: problematização de uma hipótese. *Revista Brasileira de Educação*, 1:67-79.
- SAVIANI, D. 2005. Reflexões sobre o ensino e a pesquisa em história da educação. In: D. GATTI Jr.; G. INÁCIO FILHO (orgs.), *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas/Uberlândia, Autores Associados/UFU, p. 7-31.
- STEPHANO, M. 2006. O ensino de história da educação na história da Faculdade de Educação da UFRGS: primeiras aproximações. *História da Educação*, 10(19):293-300.
- TAMBARA, E. 2006. História da educação no curso de pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. *História da Educação*, 10(19):301-310.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG). 2006. *Projeto pedagógico do curso de Pedagogia*. Ponta Grossa.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG). 2008a. *Plano de ensino de História da Educação*. Ponta Grossa.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG). 2008b. *Plano de ensino de História da Educação Brasileira*. Ponta Grossa.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). 2008. *Curriculo do curso de Pedagogia*. Curitiba.
- VIEIRA, C.E.; ROBALLO, R. de O.B. 2007. História e história da educação no projeto de formação de professores na década de 30 no Brasil: problematizando as noções de Afrânia Peixoto. *Inter-Ação*, 32(2):243-259.
- VILAR, P. 1995. História marxista, história em construção. In: J. LE GOFF; P. NORA (orgs.), *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, p. 146-178.
- XAVIER, L.N. 2000. *Particularidades de um campo disciplinar em consolidação: balanço do I Congresso Brasileiro de História da Educação*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br>. Acesso em: 12/01/2010.
- WARDE, M.J. 1990. Contribuições da história para a educação. *Em Aberto*, 9(47):1-11.
- WARDE, M.J. 1998. Questões teóricas e de método: a história da educação nos marcos de uma história das disciplinas. In: D. SAVIANI; J.C. LOMBARDI; J.L. SANFELICE (orgs.), *História e história da educação: o debate teórico metodológico atual*. Campinas, Autores Associados, p. 88-99.

Submetido em: 03/02/2010

Aceito em: 15/04/2011